

frequentes no ambiente hospitalar. Vários fatores contribuem para a resistência bacteriana: gravidade do paciente, procedimentos invasivos, internações prolongadas, uso de antimicrobianos de amplo espectro e por tempo prolongado, baixa adesão à higiene das mãos e às técnicas adequadas de limpeza de ambiente.

Objetivo: Descrever as estratégias usadas para redução da colonização e infecção por enterobactérias resistentes a carbapenêmicos (ERC) em uma unidade de terapia intensiva (UTI) de um hospital em São Paulo

Metodologia: Descrição das taxas de incidência de colonização por ERC e de infecção relacionada à assistência a saúde de janeiro de 2017 a junho de 2018. Descrição das estratégias implantadas para redução da incidência.

Resultado: Durante o período avaliado, 1.631 pacientes foram admitidos na UTI. Desses, 59 (3,6%) evoluíram com colonização e seis (0,4%) com infecções por ERC. Em janeiro e fevereiro não havia registro de casos de colonização ou infecção na unidade, mas a partir de março observamos os primeiros casos de colonização e, em abril, de infecção. Nos meses seguintes, evidenciamos aumento dos eventos com pico importante em outubro, quando o maior número de casos de colonização foi registrado (13). Como estratégia de prevenção e controle, foram elaborados impressos próprios para controle de limpeza do ambiente, *check list* para controle de limpeza concorrente de mobiliários e equipamentos e placa de identificação dos equipamentos já higienizados. O serviço de controle de infecção hospitalar elaborou campanha institucional de higienização das mãos, além de treinamento específico para a equipe. Durante cada turno de trabalho, um colaborador ficou responsável por aplicar álcool em gel nas mãos de toda a equipe multidisciplinar de uma em uma hora. A equipe da higiene foi reorientada sobre a técnica adequada de limpeza terminal. Após implantação dessas medidas, notamos negatização do número de pacientes colonizados e infectados por ERC e manutenção desses resultados por quatro meses.

Discussão/conclusão: Após as medidas implantadas e intensa atuação da equipe multidisciplinar, evidenciamos redução e importante controle dos índices de colonização por ERC na UTI. A revisão constante das rotinas de limpeza de ambiente e higiene das mãos é estratégia importantes para manutenção de resultados satisfatórios.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2018.10.090>

Área: HIV-AIDS/ISTS/HEPATITES

Sessão: ISTs

EP-029

AÇÃO NA COMUNIDADE: AVALIAÇÃO DO CONHECIMENTO DA POPULAÇÃO DE RIBEIRÃO PRETO-SP SOBRE SÍFILIS



Matheus Guimarães Matos, Marcelo Vasconcelo Andrade, Inarai Ferreira Gonçalves, Victória Manetti Meneguetti, Tatyane Ferreira Novais, Cinara Silva Feliciano

Centro Universitário Barão de Mauá (CBM),
Ribeirão Preto, SP, Brasil

Data: 18/10/2018 - Sala: TV 8 - Horário: 10:30-10:35 - Forma de Apresentação: E-pôster (pôster eletrônico)

Introdução: A OMS estima a ocorrência de mais de um milhão de casos de infecções sexualmente transmissíveis por dia, mundialmente. No Brasil, nos últimos anos, foi observado um aumento constante no número de casos de sífilis em gestantes, congênita e adquirida. Esse aumento pode ser parcialmente explicado pelo aumento da cobertura de testagem e desabastecimento de penicilina, porém deve-se também à negligência de medidas preventivas, principalmente do uso de preservativos. A cidade de Ribeirão Preto-SP segue essa tendência, evidenciada pelo marcante aumento nas três formas de sífilis notificadas a partir de 2011.

Objetivo: Alunos da Liga Acadêmica de Doenças Infecto-Contagiosas do curso de medicina do Centro Universitário Barão de Mauá fizeram ação na comunidade para avaliar o conhecimento da população, além de prestar esclarecimentos sobre a sífilis.

Metodologia: Foi estruturado um questionário com questões básicas sobre dados sociodemográficos, sintomas, transmissão e estratégias preventivas da doença. Pessoas que transitavam por uma praça de grande fluxo foram abordadas e convidadas a responder o questionário. Após, os alunos entregaram folhetos explicativos, esclareceram os erros e enfatizaram estratégias preventivas.

Resultado: Aceitaram responder o questionário 135 pessoas. Dessas, 58,5% eram do sexo feminino, 34,1% tinham ensino médio completo e 23,7% ensino fundamental incompleto. Entre os participantes, 92,6% acreditavam que a transmissão pode ocorrer por intercurso sexual vaginal ou anal sem preservativos e 80,7 acreditavam que intercurso oral também era uma forma de transmissão. Apenas 57,7% alegaram conhecer a transmissão vertical da doença; 31,9% dos entrevistados acreditavam na transmissão em banheiros públicos, 20,7% através de água ou alimentos contaminados e 15,5% pelo compartilhamento de talheres, copos e toalhas; 74% não responderam corretamente à pergunta sobre sintomas da doença. Apenas 67% responderam corretamente à questão sobre formas de prevenção e 44% desconheciam complicações da doença.

Discussão/conclusão: Nesta amostra observaram-se altos índices de desconhecimento sobre sintomas da sífilis, formas de transmissão e riscos da doença. O aumento da incidência dessa doença torna necessário estratégias educativas junto

à população. Abordagens como a feita são momentos oportunos para orientações e fortalecimento dos programas de prevenção de infecções sexualmente transmissíveis.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2018.10.091>

EP-030

EXPOSIÇÃO ÀS INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS ENTRE ADOLESCENTES DE UMA ESCOLA PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE CUIABÁ



Gabriela Belmonte Dorileo, Kleriene Vilela G. Souza, Thalyta C. Santos Serra, Rincler David Nascimento Souza, Gabriel Lopes Lisboa, Clayton O. Beloni, Letícia Rossetto S. Cavalcante

Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Cuiabá, MT, Brasil

Data: 18/10/2018 - Sala: TV 8 - Horário: 10:37-10:42 - Forma de Apresentação: E-pôster (pôster eletrônico)

Introdução: As infecções sexualmente transmissíveis (IST) são doenças preveníveis e com alta morbimortalidade. Nos últimos anos essas doenças têm se expandido entre os jovens. A exemplo disso, a sífilis adquirida aumentou sua taxa de detecção em mais de 20 vezes quando comparados 2010 e 2016 e a faixa com maior aumento foi de 13-19 anos.

Objetivo: Mensurar a exposição dos adolescentes de Cuiabá às IST.

Metodologia: Estudo descritivo, feito em agosto de 2018, com 243 adolescentes de uma escola da rede pública de Cuiabá. Foi usado como ferramenta de coleta de dados um questionário autoaplicável e não identificável. Foram avaliadas variáveis referentes às características demográficas, ao comportamento sexual e ao uso de preservativo. Foi feita ainda educação em saúde com os alunos.

Resultado: Os escolares cursavam entre o primeiro ano do ensino médio e o terceiro ano, com faixa entre 14 e 20 anos. Os adolescentes masculinos compunham 52,7% (n = 128) da amostra e femininos 47,3% (n = 115). Dentre os escolares, 64,1% afirmaram ter vida sexual ativa, 58% são jovens do sexo masculino e 42% do feminino. Dentre aqueles que têm vida sexual ativa, 34,2% afirmam usar preservativo em todas as relações sexuais, 56,8% afirmam usar preservativo às vezes e 9% disseram nunca usar. Observou-se maioria dos meninos entre os que usam preservativo sempre (58,4%) e entre os que usam às vezes (59%). Entre as meninas que afirmaram ter vida sexual ativa, a proporção de quem não usa camisinha (10,7%) é maior do que entre os meninos (7,7%) que afirmam ter vida sexual ativa. Após o questionário, foi feita educação em saúde com os adolescentes, momento no qual foi ressaltada a importância do uso do preservativo em todos os tipos de relações sexuais, e foram passadas para os alunos as consequências que a prática do sexo desprotegido pode gerar. Percebeu-se que os alunos tinham muitas dúvidas referentes a prática do sexo protegido, principalmente quanto à possibilidade de adquirirem uma IST sexo anal e oral sem preservativo e quanto ao anticoncepcional que alguns acreditavam funcionar como medida de prevenção para as IST.

Discussão/conclusão: Os dados colhidos mostram que a maioria já tem vida sexual ativa, especialmente entre os meninos, e que a quantidade de meninas que não usa preservativo é maior. Por fim, ficou clara a necessidade de campanhas que promovam um diálogo com os jovens, a fim de sanar suas dúvidas e promover saúde.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2018.10.092>

EP-031

CONHECIMENTO E VULNERABILIDADE DOS ADOLESCENTES EM RELAÇÃO ÀS INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS



Tatiane Mota Silva, Barbara Jacqueline Peres Barbosa

Universidade Paulista (Unip), São Paulo, SP, Brasil

Data: 18/10/2018 - Sala: TV 8 - Horário: 10:44-10:49 - Forma de Apresentação: E-pôster (pôster eletrônico)

Introdução: As infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) ainda são motivo de preocupação, independentemente da localização geográfica em questão. Essas podem culminar em graves complicações, como infertilidade, aborto, infecções congênitas, além de facilitar a infecção pelo vírus da imunodeficiência humana/síndrome da imunodeficiência adquirida (HIV/Aids). Essas patologias representam grandes desafios para a saúde, merecem destaque devido ao seu alto potencial de disseminação.

Objetivo: Avaliar o conhecimento de adolescentes sobre transmissão, prevenção e comportamentos de risco em relação às IST/HIV/Aids.

Metodologia: Foi feita uma pesquisa científica pelo método da revisão da literatura, aplicou-se a análise integrativa sobre o conhecimento e a vulnerabilidade dos adolescentes em relação às infecções sexualmente transmissíveis.

Resultado: Os resultados demonstraram que IST/HIV/Aids não são totalmente desconhecidos pelos adolescentes, a Aids a doença mais citada. No entanto, houve desconhecimento em relação às formas de transmissão. A maioria desconhece a possibilidade de infecção por meio do sexo oral, transmissão vertical e por meio do leite materno. Referente à cura e ao tratamento, a maioria relatou ter conhecimento ou já ouviu falar em estratégias que diminuem os sinais clínicos da Aids. Os adolescentes reconhecem o uso do preservativo como principal método de prevenção contra as IST, mas alguns artigos revelaram a existência de adolescentes que acreditam que a higiene após o ato sexual, os relacionamentos monogâmicos e o uso do anticoncepcional oral pode se constituir em um meio de prevenção contra as IST. A prevenção é identificada pelos jovens como um elemento fundamental na prática sexual. No entanto, abdicam dela a partir do momento em que sentem confiança no parceiro. Outra questão levantada é a diferença de gênero no diz respeito à adoção do preservativo, uma vez que as mulheres confiam na fidelidade do parceiro sexual e têm dificuldade de solicitar o uso. Já os homens não o usam devido a razões relacionadas ao prazer sexual. Assim, a confiança assume um papel importante na ausência de comportamento preventivo, especialmente entre as mulheres, que substituem o preservativo pela crença na fidelidade.